

Laços de liberdade e de vontade

Bonds of freedom and will

CONCEIÇÃO LIMA*

RESUMO: NESTE TEXTO, A INFÂNCIA E A JUVENTUDE SE APRESENTAM COMO MOMENTOS MARCANANTES PARA A FORMAÇÃO DA MEMÓRIA INDIVIDUAL CULTIVADA A PARTIR DE LAÇOS RELACIONAIS ENTRE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE E O BRASIL.

ABSTRACT: IN THIS TEXT, CHILDHOOD AND YOUTH ARE PRESENTED AS MILESTONES FOR THE FORMATION OF INDIVIDUAL MEMORY CULTIVATED FROM THE RELATIONAL TIES BETWEEN SÃO TOMÉ & PRÍNCIPE AND BRAZIL.

PALAVRAS-CHAVE: SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE; BRASIL; ÁFRICA; LAÇOS; MEMÓRIA.
KEYWORDS: SAO TOMÉ AND PRINCIPE; BRAZIL; AFRICA; TIES; MEMORY.

* Escritora são-tomense. Conselheira do Presidente da República de São Tomé e Príncipe, São Tomé, São Tomé e Príncipe. E-mail: mariasaolima@hotmail.com.

No lugar da infância, o Brasil era uma fonte de onde, através da telefonia, nos chegava música. Música que enchia, especialmente, as manhãs de domingo, amiúde com muita mágoa, juras, algumas traições e flores vermelhas à mistura. Na rubrica radiofônica “Discos Pedidos”, Roberto Carlos era invencível: o locutor chegava a listar cinquenta pedidos para uma única canção.

Gil, Caetano, Gal, Chico, Milton, a onda MPB, essa chegar-nos-ia muito mais tarde, varrendo o liceu como um sopro de criativa energia, cujas letras permutávamos. Mas, antes mesmo da telefonia, bem menina, lembro-me de meu pai, amante da música e da literatura brasileiras, cantar, enquanto fazia a barba, aquela canção que começava: “Não posso ficar nem mais um minuto com você/ sinto muito amor, mas não pode seer...”

Era o Brasil lá de casa, com muito baião e samba, trauteados com pronúncia ajustadamente brasileira e tudo. Martinho da Vila aconteceu depois, mandando “cantar alto, cantar forte, que a vida vai melhorar”. Antes ainda de Alcione ter lançado a exortação “Não deixe o samba morrer”, Jorge Ben e o seu “Mas que nada” cativaram gerações.

Este samba
 Que é misto de maracatu
 É samba de preto velho
 Samba de preto tu
 Mas que nada
 Sai da minha frente
 Que eu quero passar
 Pois o samba está animado
 O que eu quero é sambar.

Gabriela Cravo e Canela e *A escrava Isaura* não punham ainda nos ecrãs nomes e rostos, paisagens, pedaços de fantasia e de realidades, mas eram lidos. Também não eram tão familiares as imagens do carnaval com suas cores, seus movimentos, suas vozes e alegrias.

Em tempos outros, erguido novo hino e içada bandeira, viria a saber de tempos em que certos livros do baiano Jorge Amado só podiam ser lidos clandestinamente.

Havia, depois, claro, o futebol. Ontem como hoje, acompanhando os tempos, sempre atualizado, com novos nomes, craques sempre novos, a bola jogada daquele jeito gingão, assemelhando-se a um bailado. Antes de Neimar, Ronaldo e Ronaldinho, antes de Zico e Sócrates, Pelés foram muitos. Garrinchas, uns quantos. Tostão e Jairzinho. Eram meus irmãos, primos, vizinhos, os craques e os craquezinhos. Em quase todas as famílias havia, pelo menos, um craque brasileiro. E, com um ar sapiente, os rapazes diziam goleiro em vez de guarda-redes.

Havia a poesia. Primeiro, em casa. Meu pai amava o timbre de Manuel Bandeira, o de Pasárgada e o que não queria mais saber de lirismo que não fosse libertação.

No ciclo preparatório, conheci Cecília Meireles e Ribeiro Couto. Em 1964, Margarida Lopes de Almeida deu um recital no único cinema do arquipélago, então chamado Império, hoje Marcelo da Veiga, em homenagem à fibra inquebrantável do poeta e cidadão da ilha do Príncipe.

Drummond e sua Itabira, Drummond, João Cabral, Graciliano Ramos, João Guimarães Rosa, Glauber Rocha, Clarice Lispector e outros fantasmas vieram, mais tarde, alargar um horizonte na altura já composto de descobertas e indagações bem mais uterinas. Aí, já me fascinava a muito difusa figura de avó Mama, na verdade, minha bisavó, a que, segundo crônicas dos mais velhos, viera um dia do Brasil/Blaji e dizia palavras cujos sons, consta, confundiam a família.

Aí, já eu sabia que muitas famílias são-tomenses tinham tido a sua avó Mama. Antepassados cuja memória, passada de geração em geração, perdura ainda hoje, testemunhando laços tecidos no vaivém do Atlântico. A História registra, e com ênfase, a ocupação da fortaleza e do porto de São Tomé, nos anos 40 do Séc. XVII, pelos holandeses, para controlar, na ilha, o comércio de escravos e de um amargo açúcar.

Nessa altura, São Tomé funcionou como entreposto da colônia de Pernambuco, Elmina e Luanda. Saberíamos também que, no Séc. XVIII, a maior parte dos fazendeiros de São Tomé se mudou para o Brasil, em busca de melhores oportunidades, face ao declínio da produção do açúcar. Depois do açúcar, seriam a dor e o esplendor das sagas do café e do cacau, marcando profundamente a estrutura econômica e social do arquipélago, um e outro, grão e cápsula, fazendo cruzar, de novo, os caminhos do Brasil e de São Tomé e Príncipe.

O café foi trazido por João Baptista da Silva; o cacau, dinamizado no Séc. XIX pelo futuro Barão de Água-Izé, descendente de uma rica família mulata da Bahia, que se instalou na ilha depois de ter vivido em Benguela, no Rio de Janeiro e em Lisboa.

Fixados na memória ou gravados nos livros de História, esses capítulos, episódios, momentos, entretecem os profundos laços. Laços que inscreveram na marcha dos tempos as criações de Jorge Amado: António Balduino e Zé Camarão e pai Jubiabá, criações fundadas na baiana raiz e cuja influência se faz sentir, por exemplo, na obra de Albertino Bragança.

E, enquanto o tempo caminha com suas rondas e suas rodas, o teatro são-tomense vai ao Brasil, chega a capoeira e conquista a juventude do arquipélago, a poesia repentista do Nordeste atravessa a capital aplaudida em apoteose, o Centro Cultural Brasileiro publica autores são-tomenses e familiariza o público com o cinema que se faz hoje no Brasil, há um leitorado brasileiro no Instituto Superior Politécnico.

Ao todo, dezesseis projetos movimentam áreas que vão da segurança alimentar à capoeira, passando pela formação de mão de obra e a luta contra a SIDA e o paludismo.

Em redor da feijoada, nasceu, entretanto, uma associação das várias gerações de quadros são-tomenses, que, formados no Brasil nos mais diversos domínios, regressam às ilhas com novas ferramentas e um pedaço do Brasil no coração, em cada mão.

A música, essa continua chegando com suas variadas e reconhecíveis ressonâncias.

A História continua a ser escrita, está sendo escrita num compasso fraterno, com laços de liberdade e de vontade.

Autora convidada.